

VISTA DE CADIZ.

A CELEBRIDADE de Cadiz é tão remota que é mui difficil fixar a sua origem na historia antiga. Seria inutil entreter-mo-nos a dissertar sobre os seus primeiros fundadores: mas não podêmos deixar de observar que o nome de Hercules anda tão ligado ao de Cadiz que os poetas da antiguidade chamam á povoação Cadiz herculanea e ao heroe Hercules gaditano, e em todas as medalhas punham os naturaes as duas columnas com o famoso motto *non plus ultra*, como vemos ainda nas moedas hespanholas. Prescindindo de todas as fabulas pagaãs, é para admirar a remotissima fama desta cidade, pois que diz Quinto Curcio que os quatro portos mais famosos eram Tyro, Carthago, Boecia e Cadiz. O nome deste ultimo variou por vezes, mas parece que o primitivo era Gadez, que com pouca corrupção é o presente.

A ilha, em cuja extremidade jaz Cadiz, está unida ao continente pela celebre ponte de Zuazo, que deveu a sua primitiva fundação aos carthaginezes, que os romanos reedificaram, e os arabes destruíram, e que D. Alfonso o Sabio mandou fazer de madeira. Doou depois os direitos della D. João 2.^o a um seu conselheiro, por nome João Sanches de Zuazo, e daqui lhe proveio a denominação, pela qual ainda hoje é conhecida. A ponte actual foi edificada por Carlos 5.^o em 1540, e renovada em 1617 por Philippe 3.^o Consta unicamente de cinco arcos, mui afastados, porque sendo alli um braço de mar e não rio, corre só lentamente a agua da maré, cuja profundidade anda por 20 a 24 pés: é de extraordinaria fortaleza, com castellos em ambas as cabeças ou entradas. Por ella se entra na villa, chamada *ilha de Leão*, que é bonita e acuada, e antes da invasão franceza contava 45:000 almas. Aqui estavam a direcção geral da armada, o collegio dos guarda-marinhas, observatorio astronomico, quartéis de marinheiros e outros estabelecimentos maritimos. Da ilha de Leão a

Cadiz vão mais de duas leguas por uma estrada magnifica de esplendida vista, tendo a cidade na frente, a bahia á direita, e o oceano á esquerda: no fim, onde ha jardins e hortas quanto o permite o espaço entre a bahia e o mar, está edificada a cidade, fortificada pela natureza e a arte. Uma praia, inacessivel por causa dos rochedos e embates das ondas a defende pelo sul, areia e penedias impedem que os barcos se cheguem ás muralhas pelo lado do norte, ao sueste é protegida por castellos e baluartes optimamente construidos, e ultimamente por uma cortadura, ou fosso profundo, de mar a mar, que a separa da calçada.

Não permittindo tão curto espaço de terreno para uma cidade tão povoada ruas mui largas, necessariamente são estas apertadas, porem mui regulares, e a casaria bem construida; sendo toda a cidade bem calçada, com passeios commodos, e conveniente iluminação á noite: asseveram os hespanhoes, e tambem muitos estrangeiros, que em toda a Europa não haverá povoação mercantil, de tamanho ou trafico igual, que seja mais limpa e agradavel do que o é Cadiz. A praça de Santo Antonio, a principal, é por extremo elegante, rodeada de columnellos de pedra com cadeias de ferro, da forma de festões, para impedir que entrem coches e cavallos, e o centro empedrado com quadrados de cantaria de Genova, azues e brancos. O passeio são alamedas na redondeza das muralhas com assentos, donde se goza a brisa do mar, as povoações que circumdam a bahia, e a vista dos muitos navios ancorados e á véla que frequentam este porto, o mais rico d'Hespanha.

Toda a muralha ao sul fez-se no seculo passado, e por algum tempo manteve-se firme, porem logo começou o mar a trabalhar nos alicerces e a causar tão perigosos estragos nas tempestades de inverno, que parecia ameaçar a existencia da cidade. Varios pla-

nos foram apresentados ao governo, até que o director d'engenheiros, D. Thomaz Munoz, recebeu ordem regia para fazer a obra segundo o seu projecto, o que se reduz a uma praia artificial solida, sobre a qual rebentam as ondas, e chega a agua ás muralhas sem força. Esta muralha tem 1:050 varas castelhanas [$3\frac{1}{2}$ palmos portug. cada vara] desde o baluarte dos capuchos a oeste até o *matadoiro* a leste. O mar do sul é inimigo inexoravel de Cadiz: até ha pouco tempo attribuia-se isto só aos ventos, mas uma observação moderna deve servir de governo a quem preside áquellas obras: observação, que se fundamenta com a tradição de estarem muitos edificios antigos das cercanias de *Santi Petri* debaixo d'agua, como se vê das ruinas na baixa-mar. Já não é factó duvidoso entre os naturalistas que o mar tomou mais elevação sobre a terra ao oeste do estreito de Gibraltar, perdendo á proporção para leste ou interior do Mediterraneo, como mais certamente se observa na costa d'Hespanha, com especialidade em Malaga e Carthagená. Nas costas de França e Inglaterra observa-se identico phenomeno. (*) A variação é tão lenta que para se conhecer é preciso decorrerem seculos, e ha poucos que os homens se dedicaram ao estudo da natureza; porque se de mais tempo datára esta applicação, maior numero d'observações teriamos que seriam muito mais preciosas que as induções tiradas de passagens de alguns historiadores. Em quanto a edificios religiosos a sé velha não merece menção, e a que se ha-de chamar nova, começada ha mais d'um seculo, não ha esperança de que venha a acabar-se. Nenhuma das parochias e conventos são interessantes para o estrangeiro, os unicos objectos que ha n'alguns dignos, de attenção, são muitos e primorosos quadros de Murillo, e de Zurbaran: porem a alfandega, o hospital real, e os edificios do governo são excellentes.

Formosa como é a cidade de Cadiz não tem comparação com a bahia: a primeira foi construida por homens, a segunda fê-la a natureza, que achando circumstancias propicias é estremada nas suas obras. Róta com as suas terras altas até o castello de St.^a Catharina á esquerda, o plaino até o porto de St.^a Maria, Medina Sidonia com suas montanhas centraes, Porto-Real e Carraca com o Trocadero formando a bahia interior, a bonita villa da ilha de Leão no fundo e a larga calçada que vem fechar em Cadiz, á direita, apresentam ao entrar do porto uma scena esplendida, á qual dá vida a movediça multidão das embarcações de todos os lotes.

La Carraca é o arsenal, singular em situação e figura: fórma uma ilha de mil varas de norte a sul, e 300 leste-oeste; não tem circuito de muros, nem por conseguinte portas, se bem que ha duas entradas, com os nomes de porta da terra e porta do mar, esta é uma especie d'abobada em frente do molhe de Dársena, onde se amarram os navios desarmados; a outra é uma sahida para botes defronte da estrada da ilha. Ha tres diques maiores e doze menores para construcção: uma fabrica mui ampla d'enxarcias e lonas: e alem disso artilharias e outros petrechos do servigo da marinha real.

O canal do Trocadero serve para construcção e crena dos navios mercantes. O Trocadero é uma ilha de meia legua de comprido e menos d'um quarto de largura, em cuja extensão total corre um canal de 50 varas tão somente de largo, e onze pés de agua na maior baixa-mar, subindo até 22 pés com a maré: na extremidade toca em Porto-Real, onde não tem mais de vara até vara e meia de fundura. Á en-

(*) Veja-se sobre as aguas do Báltico o que a semelhança respeito escrevemos a pag. 108 do vol. 2.^o

trada ha varios diques por ambos os lados, e aqui se estreita a bahia a menos de 2:000 varas entre o Trocadero e o castello de Puntales, formando assim a bahia interna, em que ha um canal de mais de 30 pés de profundidade na baixa-mar, posto que junto ao arsenal de Carraca não tem mais de dezeseis, porem na maré cheia pode admittir as maiores embarcações. O canal de Carraca corre logo até o castello de Santi Petri no mar, com fundo de 20 a 30 pés, formando a ilha de Leão ou Cadiz, para a qual se passa, como dissemos pela ponte Zuazo.

O porto, ou bahia exterior, está perfeitamente resguardado dos ventos, norte, leste, sul, e oeste; porem o noroeste agita as aguas tanto que faz perigar os barcos grandes que não podem chegar ao molhe. Á entrada do porto ha as seguintes rochas: *los Cochinos* a 600 varas da muralha, e mil varas mais para lessueste estão *las Puercas*: todas estas são visiveis na baixa-mar: entre as primeiras e as segundas jaz a *Freidera*, nunca visivel, e só conhecida pelo arrebeitar do mar. A distancia de 1:800 varas das Puercas para nor-nordeste ha o baixo de pene-dia, chamado *el Diamante*; que se dilata espago de setecentas varas com um fundo de 13 a 22 pés (::). A 850 varas do Diamante, na mesma direcção está *la Galera*, baixio mais extenso do que aquelle com fundura de 11 a 30 pés: porem os canaes ou passagens de 700 e mais varas, que ha entre estes baixos, tem na vasante das marés equinocciaes profundidade de 40 a 50 pés pelo que o porto de Cadiz dá entrada segura aos maiores navios, sendo mui raro o que chega a 30 pés d'altura de bojo mergulhado.

Na ponta, que fórma o continente defronte de Cadiz, a duas leguas de distancia está Róta, villa mui linda por sua situação e pela amenidade do seu territorio, fertil especialmente em fructas e vinhos, de ares muito saudaveis, por estar em terreno levantado. Daqui até o castello de St.^a Catharina, n'um pontal que adiantado faz a boca do porto, não ha particularidade que interesse; mas do castello á cidade e porto de St.^a Maria aviva-se a scena. St.^a Maria está na foz do Guadalete, rio pequeno, de pouquissimo fundo; porem a povoação é deliciosa. Passado o rio por uma ponte de barcas, caminha-se a Porto-Real. Ainda em tempos do maior trafico, toda a communicação se effectua em faluchos, que atravessam a bahia, por ser mais prompto e barato, visto que por terra ha sete leguas de rodeio.

As salinas de Cadiz são um ramo industrial bastante proveitoso aos particulares e ao estado. Não ha cousa tão singela, como estes estabelecimentos, que requerem pouco terreno, nenhuns edificios, e sem que o material custe dinheiro. São uns chãos anivelados, de profundidade igual, com pequenos escoadouros de communicação. No fluxo deixa-se entrar nos primeiros repartimentos a agua do mar, e alli permanece estagnada por algum tempo até se evaporarem as partes aquosas mais leves: depois deixa-se correr para outros repartimentos menos fundos, onde fica até coalhar-se e endurecer-se como gesso; então quebrando-se o sal se barre e amontoa em fórma de pilhas compridas, até dispor de sua venda. Estas salinas, ou marinhas, estão no fundo da bahia, e ainda ha poucos annos eram setenta. A fazenda real tinha cinco salinas mui grandes para abastecer os *alfolies*, ou estancos de sal para sortimento da provincia, porque a sua venda é um monopolio do estado, comprando este todo o mais que

(::) Pomezos estas marcações attendendo ao commercio e navegação que ha entre o nosso porto e o de Cadiz. — A vara hespanhola regula por $3\frac{1}{2}$ palmos dos nossos; e o pé equivale a 0,844 do pé portuguez.

precisava aos particulares por pregos estipulados. O que sobeja vendem os proprietarios aos estrangeiros, pagando 960 r.^s de direitos d'exportação por cada lastro de 48 fangas de medida ou 40 quintaes de peso. Examinou-se que cada quintal d'agua do mar na costa da Andaluza fornece seis a sete libras de sal, quando na d'Inglaterra apenas dá tres libras.

ACADEMIAS PORTUGUEZAS.

3.^o

(Continuado de pag. 376).

A ACADEMIA publicou tambem cinco volumes de *memorias economicas*, e dois de *memorias de agricultura*, tratando n'umas e n'outras de materias de summo interesse, e de pratica applicação. Muito lhe é tambem devedora a geographia, e a historia das nossas colonias e descobrimentos, por ter feito imprimir na excellente collecção de *noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, de que já existem cinco tomos, escriptos mui interessantes, como a *Noticia do Brazil*, da qual o Sr. Varnhagen descobriu ser author Gabriel Soares, segundo se vê das suas eruditas *reflexões criticas &c.* impressas no tomo 5.^o d'aquellas memorias: a relação das viagens de Luiz de Cadamosto, celebre navegador veneziano, que por mandado do preclaro infante D. Henrique fizera importantes descobrimentos ultramarinos; e varios outros escriptos, que seria longo aqui referir, todos de grande valia e apreciados dentro e fora do Reino. Taes são os serviços da academia pelo que diz respeito á publicação das suas memorias; e em quanto aos demais que ella tem prestado é facil conhecer-lhe a importancia com a simples leitura do catalogo das obras escriptas pelos seus socios, ou inéditas mandadas imprimir á sua custa.

Se as lettras e philosophia têm consideravelmente lucrado com esta instituição, a humanidade não lhe é menos devedora. Quem não louvará a academia pelo zelo com que prosegue na utilissima propagação da vaccina — desta admiravel descoberta de Jenner — que tantos milhões de vidas tem subtrahido á fource da morte? Os relatorios do estado periodico da vaccina em Portugal, publicados nos tomos das *Memorias da academia* devem ser lidos com gosto pelos amigos da humanidade. A academia fez tambem visitar os archivos dos mosteiros, municipalidades, e cathedraes do reino, encarregando deste espinhoso trabalho, que durou de 1733 até 1795, os seus socios, João Pedro Ribeiro, Joaquim de Santo Agostinho de Brito Galvão, e Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, habilissimos antiquarios, e mui versados na sciencia diplomatica: — as *dissertações chronologicas e criticas*; os *documentos para a historia da legislação portugueza*, e o *elucidario das palavras, termos, phrases, &c.* aonde se reproduzem documentos que sem estas laboriosas investigações ainda jazeriam no pó do esquecimento, justificaram o conceito que a academia fez d'aquelles antiquarios. Em 1792 incumbiu esta o seu socio, monsenhor Joaquim José Ferreira Gordo, de ir examinar os manuscritos, assim portuguezes como estrangeiros, que dissessem respeito á historia civil e litteraria de Portugal, e existissem nas bibliothecas do Escorial e Madrid: — do resultado desta commissão dá o referido academico estreita conta na Memoria transcripta no 3.^o tomo dos de litteratura, publicado em 1792. — Igual serviço fez ás nossas lettras, não sabemos se tambem por ordem d'aquella sociedade, o Sr. visconde de Santarem, examinando os manuscritos pertencen-

tes ao direito publico externo diplomatico de Portugal, e á historia e litteratura do mesmo paiz, que existiam na bibliotheca real de Paris e outras da mesma capital, e nos archivos de França, como se vê d'uma curiosa noticia que imprimiu em 1827 á custa da academia.

E avultado o numero de homens abalisados que na qualidade de socios tem honrado esta corporação; e de todos fariamos particular menção se o comportassem os estreitos limites deste jornal. Todavia não deixaremos de mencionar alguns, sem offensa d'outros, começando pelo P.^o Theodoro d'Almeida, da congregação do Oratorio: — foi elle um dos primeiros socios da academia, e fez-se bem conhecido na republica das lettras pela *Harmonia da razão com a religião*; pelo *Feliz independente*; pela *Recreação philosophica*, e por outras obras; algumas destas acham-se traduzidas em varias linguas da Europa: em francez, a primeira pelo abbade Reinard, e a segunda pelo abbade Jamet. — O illustre José Monteiro da Rócha, lente da universidade na faculdade de mathematica, deixou trabalhos mui importantes nas primeiras ephemerides astronomicas de Coimbra, assim como excellentes *Memorias* publicadas não só na collecção da academia de Lisboa como nas de diferentes academias estrangeiras, aonde eram mui apreciados os escriptos deste grande mathematico. Felix d'Avelar Brotero — o Linneo portuguez — é assás conhecido pela sua *Flora lusitana* e por a *Phytographia das plantas lusitanas*. Nicolau Tolentino d'Almeida, professor de rhetorica e poetica, e depois official da secretaria d'estado dos negocios do reino, foi um poeta satyrico de graça inimitavel. José Corrêa da Serra, litterato distincto, e membro de quasi todas as academias da Europa, foi muito tempo secretario da academia: — a este sabio bem conhecido nas nações estranhas pelas excellentes memorias que escreveu nas *Transacções philosophicas de Londres*, devemos nós o sahir á luz a collecção dos livros inéditos de historia portugueza do reinado dos Srs. reis D. João 1.^o, D. Duarte, D. Affonso 5.^o, e D. João 2.^o, que vieram lançar nova luz sobre a vida e feitos d'aquelles monarchas. O Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, official da secretaria d'estado dos negocios de mariaba e ultramar, naturalista distincto, por determinação do governo da Sr.^a D. Maria 1.^a emprehendeu, desde 1733 até 1793, uma viagem philosophica á provincia do Pará e vastos sertões do Rio-Negro, Matto-Grosso e Cuyabá, districtos que privativamente lhe foram designados: — em seguimento ao elogio historico deste sabio, escripto pelo Sr. conselheiro M. J. M. da Costa e Sá, e publicado no 5.^o tomo das *Memorias da academia*, vem o catalogo dos numerosos escriptos inéditos do Dr. Alexandre Rodrigues, e delle se vê quanto ganharia a historia natural e economica do Brasil, e o quanto augmentariam os conhecimentos topographicos d'aquellas provincias, se vissem a luz publica taes manuscriptos, que nos consta existirem no archivo da academia. — Um joven litterato, já conhecido por duas interessantes publicações — o *Diario da Navegação de Pero Lopes*, e as *Reflexões criticas sobre o escripto do seculo 16.^o*, impresso com o titulo de = *Noticia do Brazil* =, seguindo os passos do Dr. Alexandre Rodrigues, com um zelo e fervor superior a todo o elogio, acaba de emprehender, não a expensas do governo, mas á sua propria custa, uma viagem ao Brasil, com o fim de rectificar muitos pontos historicos e geographicos respectivos áquella vasta região; e attento o distincto merito litterario do viajante, muito devemos esperar das suas investigações.

O P.^o Antonio Pereira de Figueiredo, da congregação do oratorio, foi um dos primeiros e mais distintos membros da academia. — Escreveu a *Tentativa Theologica*, que deu logar a procedimentos severos da côrte de Roma contra elle: — os *Elogios dos reis de Portugal* em latim e portuguez, e varias outras obras latinas em defeza do poder temporal dos soberanos contra as invasões da curia romana. Traduziu a Biblia em portuguez segundo a vulgata; compoz excellentes Memorias importantes que andam avulsas ou em collecções, assim como curiosas dissertações sobre differentes pontos controversos da nossa historia, impressas no tomo 9.^o das Memorias, *in folio*, e muitos opusculos interessantes. — O barão de villa da Praia, Francisco de Borja Garção Stockler, foi um dos mais insignes mathematicos portuguezes, e desempenhou por longo tempo o cargo de secretario da academia; a sua *Theorica dos limites ou introdução ao methodo das fluxões*; o *Ensaio historico sobre a origem e progresso das mathematicas em Portugal*: as suas poesias; o bem escripto Elogio de D'Alembert, são incontrovertidos testemunhos do seu variado saber. — O conselheiro Antonio Ribeiro dos Santos, o primeiro bibliothecario da bibliotheca da côrte, varão consumado em muitos dos conhecimentos humanos, por suas importantes memorias, de que já tratámos, provou sobrejamente a vasta erudição e apurado gosto d'escrever que possuia, no que disputou primores com todos os escriptores do seu tempo. — Quem desejar conhecer a fundo o grande saber d'aquelle varão recorra ao extenso numero de seus escriptos inéditos que elle legou á bibliotheca aonde ainda se conservam. — O conselheiro João Pedro Ribeiro, ha pouco fallecido, foi o primeiro que, imitando Mabillon e Montfaucon, fez conhecer entre nós a sciencia diplomatica de que foi lente: — as suas *Dissertações chronologicas e criticas*, ganharam-lhe bem merecida reputação como perito nestas materias. Enriqueceu a collecção da academia com interessantes memorias ácerca de varios pontos historicos, tornando-se recommendavel a que escreveu no 2.^o tomo das *Memorias de litteratura* sobre as fontes do *Codigo Philippino* (1), que esclarece muito a historia das nossas côrtes desde o princípio da monarchia: — como jurisconsulto é este sabio bem conhecido pelo seu *Indice chronologico remissivo da legislação portugueza*. — Sebastião Francisco Mendo Trigo, e Francisco Manuel Trigo, o ultimo dos quaes ainda ha pouco a morte roubou ás sciencias e á patria, foram tambem dois academicos distinctos pela sua vasta erudição: — ambos escreveram differentes memorias e elogios historicos que attestam o seu saber. O P.^o João Loureiro, o Dr. José Bonifacio d'Andrade, como naturalistas, Francisco Simões Margiochi, e outros mathematicos illustres, que ainda vivem, são ornamentos de que a academia muito se présa, não os tendo nada inferiores nas sciencias, medica e juridica; bastando neste ultimo ramo citar Paschoal José de Mello Freire.

Concluiremos pois este artigo reproduzindo aqui a opinião que da academia das sciencias formaram dois escriptores estrangeiros — talvez os unicos que ácerca das nossas cousas escreveram com alguma exactidão e crítica. — Eis como a este respeito se expressa M. Balbi no 2.^o tomo do *Essai statistique sur le royaume de Portugal*: «Este corpo scientifico contribuiu em grande parte pelas suas investigações e escriptos, não menos que pelos premios que distri-

(1) *Fontes proximas do Codigo Philippino* é uma obra de monsenhor Gordo, tambem dada á estampa pela academia.

buiu, para o progresso da industria em todo o reino. As suas sabias dissertações sobre a chimica, astronomia, physica, navegação, architectura naval, mathematicas, agricultura, economia politica, que n'um volume em folio publica todos os annos, provam incontestavelmente a actividade e profundo saber dos seus membros, mostrando ao mesmo tempo que estas materias não são estranhas aos portuguezes, como affirma o auctor do *Quadro de Portugal*, e outros auctores que tem escripto ácerca deste paiz. — Ha tempos a esta parte dá a academia á luz todos os annos um volume de ephemerides, ou diario astronomico, calculado pelo meridiano de Lisboa. Foi tambem fructo dos seus desvelos a impressão, em 1790, das taboas perpetuas astronomicas para uso da navegação portugueza. A academia, independentemente das suas memorias e ephemerides, imprime tambem muitas obras tanto originaes como traduzidas: — o catalogo que inserimos neste livro (2) é um testemunho claro da actividade e zêlo destes academicos, e justifica os portuguezes da censura que se lhes faz de desprezarem ainda hoje as sciencias exactas e naturaes.» —

M. Ferdinand Denis no seu *Resumé de l'histoire litteraire du Portugal* explica-se da seguinte fórma ácerca do mesmo objecto: — «Para haver uma idéa exacta do verdadeiro estado das sciencias e litteratura em Portugal, é mister consultar as memorias da academia das sciencias. Quem ler tão importante collecção conhecerá desde logo que esta nação celebre, que muita gente suppõe estacionaria pelo que diz respeito ás sciencias, prosegue nos seus trabalhos litterarios com um zêlo que o resto da Europa mal sabe apreciar. — A actividade que os portuguezes outr'ora desenvolveram nos descubrimentos maritimos, voltou-se agora para as sciencias, em que fazem muitas conquistas. A academia que ainda não interrompeu os seus importantes trabalhos, começados no fim do seculo 18.^o, publicou, entre outros preciosos documentos, duas collecções de memorias, uma das quaes, por mim frequentemente citada, se intitula *Memorias de litteratura*, e contem importantes juizos criticos sobre alguns poetas do tempo de Camões. Os philologos encontrarão alli excellentes dissertações sobre os povos da Lusitania e ácerca dos judeus que se distinguiram em Portugal. . . . As *Memorias economicas* são de grande valia para os geographos e agricultores. . . . Sem pretender-mos examinar agora mais extensamente as composições da academia, mencionaremos, comtudo, a sua preciosa collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas: dando-lhe tambem merecidos louvores pelo zêlo com que trata da propagação da vaccina, ácerca da qual tem feito publicar mui interessantes escriptos.» —

A academia acha-se agora estabelecida no edificio do extincto convento de Jesus; e está actualmente de posse da famosa livraria do mesmo convento, creada pelo erudito arcebispo d'Evora D. Fr. Manuel do Cenaculo, e que se diz conter 32:000 volumes. — A bibliotheca propriamente da academia compõe-se, segundo se affirma, de doze a 14:000 volumes. — O presidente da academia é S. M. ElRei D. Fernando, e vice-presidente o Ex.^{mo} patriarcha eleito, o primeiro ornamento da igreja e litteratura portugueza.

M. J. M. T.

(2) Este catalogo, hoje muito augmentado, distribue-se gratis nas lojas onde se vendem os livros da academia.

FREDERICO 2.^o REI DA PRUSSIA.

FREDERICO 2.^o da Prussia, por antonomasia o *Grande*, o Salomão do norte, filho de Frederico 1.^o, nasceu aos 24 de Janeiro de 1712. A sua primeira educação esteve a cargo de M.^{mc} Roucoules, e Mr. Duhhan foi o seu mestre: estas duas pessoas lhe inspiraram desde menino tal gosto pela linguagem e litteratura franceza que o podêmos considerar como um principe francez, nascido e criado n'uma côrte alemã sem fausto. Quem diria que este mestre da tática militar, reverenciado e seguido em suas doutrinas pelos mais distinctos guerreiros, que depois delle vieram, na sua mocidade mostrou grandissima aversão á arte bellica, em que chegou, quando monarcha, a conseguir tão mercedida fama?... Aborrecia-se em rapaz com os exercicios militares, de fórma que desgostou seu pai, o qual intentou por isso privá-lo do direito de successão. Ainda ha outra singular contradicção na vida deste homem celebre: sendo principe escreveu contra as maximas tyrannicas de Machiavello em defesa da causa dos povos; e quando rei prohibiu o seu *Anti-Machiavel*, e governou segundo a theoria do sagaz politico italiano, alargando os seus dominios sem mais direito que o da conquista, sacrificando e pondo em risco os seus estados patrimoniaes sem mais causa que os impulsos da sua ambição, ainda que tão feliz foi que não contando a população prussiana, na sua exaltação ao throno, mais de dois milhões de habitantes, por sua morte deixou a monarchia com oito milhões d'almas. — Em todas as suas campanhas ha summa habilidade, porem quasi nunca justiça. —

Começou a carreira militar com o exercito de setenta mil homens que seu pai organisára para reclamar o ducado de Juliers, e desde então ficou com os habitos guerreiros, que depois desenvolveu. Por morte do imperador Carlos 6.^o reclamou a Silesia, e por esse motivo guerreou os estados da herdeira da

Austria, a rainha da Hungria e Bohemia. Concluida porem a paz de Berlim, gozou Frederico onze annos de paz, que applicou com insigne actividade ao melhoramento da administração dos seus estados em todos os ramos: foi neste periodo que mostrou os seus grandes talentos como rei, favorecendo e animando a agricultura, as artes e o commercio. Reformou as leis, augmentou os rendimentos publicos, poz em pé um exercito de 160:000 homens com generaes experientes, tudo sem se esquecer das letras e das musas, tendo publicado as suas *Memorias da casa de Brandeburgo*, que era a sua familia, o poema da Arte da Guerra (*) e outras obras em prosa e verso. Deve advertir-se que Frederico nunca escreveu senão em francez, e só em caso de necessidade fallava alemão.

A esta paz seguiu-se a famosa guerra dos sete annos, em que appareceu a habilidade deste rei como general, a par da sua politica machiavellica. Suspeitou que a Austria, a Russia e a Saxonia faziam uma alliança secreta, e bastou isto para que logo movesse as suas tropas; e sem curar da publica opinião, nem da censura dos outros gabinetes, atacou com todo o seu exercito a Saxonia, sem declaração de guerra, nem provocação, sem allegar motivo ou pretexto algum. A côrte de Dresda queixou-se de tamanha aleivosia, e o conselho aulico de Vienna declarou a Frederico rei de má fé e perturbador da Europa; até a França, inimiga sempre da Austria, fez alliança com esta e se declarou contra o rei da Prussia, que ficou tendo só por alliado seu tio, rei d'Inglaterra, que pouco o podia ajudar por terra excepto com algumas tropas hanoverianas. Frederico, longe de desmaiar em tamanha tormenta, resolveu-se a arrostar todos os perigos, e depois d'entrar a Saxonia, penetrou na Bohemia, e ganhou junto a Praga uma victoria importante. O marechal austriaco Daun marchou contra elle, e os dois exercitos encontraram-se em Kollin, a 18 de Julho de 1757; Frederico foi derrotado. Poucas batalhas campaes tem havido mais obstinadas; sete ataques successivos fizeram os prussianos contra os austriacos, e ainda que o rei via já metade da sua infantaria estendida no campo, quando presenciou que o resto se retirava lhes bradou: — *Quercis viver sempre?* — Este desbarato o affligiu muito; foi constrangido a retirar toda a sua gente da Bohemia, dividindo-a em tres corpos: o primeiro, commandado por seu irmão, teve perdas consideraveis: o general Lehwald com outro foi destroçado pelos russos em Jaegerndorff; e a divisão auxiliar anglo-hanoveriana capitulou em Closter-Seven. Pouco depois um exercito francez ás ordens do duque de Richelieu ameaçou Magdeburgo, onde estava refugiada a familia real, ao passo que outras tropas francezas unidas ás austriacas entravam pela Saxonia. Assim estava a Prussia acossada por quatro exercitos poderosos, e tão abatido o animo do grande guerreiro Frederico que se lembrou de commetter um suicidio. Mas a desesperação lhe deu novas forças, primeiro pertendeu a paz, que não pôde conseguir; pelo que se decidiu a continuar a guerra, até nella perecer. Deixando uma pequena divisão na Silesia, marchou com vinte e cinco mil homens contra as forças combinadas, que passavam de 60:000 soldados; atravessou o Saale, e fingindo retirar-se á vista do inimigo, quando este avançava atacou-o vivamente, introduzindo-lhe a desordem nas fileiras, e sem que o deixasse recompor-se o desbaratou completamente. Foi esta a

(*) Temos uma versão em metro portuguez deste poema em seis livros, feita por Miguel Tiberio Pedegache Brandão, o amigo de Quita. A 1.^a edição tem boas notas.

celebre e gloriosa acção de Rosbach, um dos maiores feitos d'armas de Frederico; mas como elle não podia estar em toda a parte, soube nesta occasião de triumpho umas poucas de novidades tristes, a um tempo: isto é, que o seu general Winterfeld fóra derrotado em Górlitz; que os Austriacos batiam ás portas de Berlim, que a fortaleza de Schweidnitz se rendêra, que o duque de Bevern tinha perdido uma batalha em Breslau. Resolveu-se nesta perigosa conjunctura a arriscar tudo n'um combate; reuniu logo todas as suas tropas, e marchou rapidamente contra os austriacos. O rei da Prussia, como todos os grandes homens, mostrou os seus talentos com mais energia nos maiores apuros: tambem nunca se apresentou general tão consummado como em Lissa, onde com pouco mais de trinta mil homens venceu os sessenta mil dos alliados. Frederico não tomava as disposições para pelejar, senão á vista do inimigo: naquelle dia não regulou o plano d'attaque sem ter reconhecido a posição dos austriacos. Vê mal apoiada a ala esquerda, faz promptamente um movimento obliquo, cerca-a, põe em confusão toda a linha, apodera-se de Leuthen, que formava a chave da posição, e consegue uma victoria das que mais honra fizeram á sua tactica e ao valor e disciplina das suas tropas. Cinco dias depois se lhe rendeu Breslau com a guarnição de 15:000 homens; e em menos d'uma semana tinha recuperado a Silesia, e destruido quarenta mil soldados contrarios.

Por este tempo tomou as redeas do governo britannico lord Chatam, que induziu o rei a mandar um corpo de tropas inglezas em auxilio de Frederico, as quaes effectivamente passaram ao continente sob as ordens do principe Fernando de Brunswick; além do que offereceu-lhe um subsidio de doze milhões annuaes. Marchou logo Frederico para a Bohemia, mas sabendo que um exercito russo se entranhava na Silesia, sahiu-lhe ao encontro e ganhou a porfiada batalha de Zorndorff: os austriacos no entanto o ameaçavam por outra parte, foi logo em demanda delles, mas o general Daun que os commandava tomou d'improvisto n'uma noite em Hohenkinchen o exercito prussiano e lhe fez horriavel estrago. O rei nesta difficil occasião desenvolveu a sua pericia militar, guiou em pessoa os batalhões ao ataque, e depois de ter perdido a seu lado os melhores generaes e grande numero de soldados valentes, e de ter recebido uma ferida grave, conduziu as tropas a meia legua de distancia, onde as formou em batalha, que os austriacos não quizeram aceitar. — «Este exemplo singular [diz o conde de Guibert], e este prodigio do genio de Frederico e da disciplina das suas tropas será sempre celebrado: que um exercito tão completamente sorprendido, que perde de sete a oito mil homens na refrega, cento e cincoenta peças d'artilharia, suas barracas e bagagens, possa refazer-se n'um instante, formar-se a mil varas de distancia, e desafiar o inimigo que acabava de obter tantas vantagens, é um feito sem igual nos annaes da guerra. —»

Em 1759 perdeu outra batalha com os russos, e nella 20:000 homens com toda a artilharia. Porem fallar dos combates ganhos e perdidos nesta guerra famosa dos sete annos não seria possível aqui, nem ainda em compendio: muitos historiadores importantes tem ella, e o proprio Frederico a escreveu com exacta individuação: baste dizermos que dessa lucta sahiu o grande rei com uma reputação de general em toda a Europa, que o immortalizou; e que Napoleão o acatava e tomava por modelo (*).

(*) Veja-se a visita de Napoleão ao túmulo de Frederico a pag. 332 deste volume.

Frederico morreu no seu retiro de Sans-Souci em 17 d'Agosto de 1786. Era de mediana estatura, bem proporcionado, de feições expressivas, principalmente os olhos, que eram os mostradores da energia de sua alma. Na mocidade sabia cavalgar com elegancia, mas veio a fazer-se tão negligente que andava na sella sempre alcatruzado. Em quanto a vestido, mesa, estado e toda a apparencia exterior era mui simples, mas parece que algum tanto peccava na gula. Sendo por compleição dorminhoco, venceu-se e ganhou o habito de se erguer ás cinco da manhã. Assim que subiu ao throno perdeu o gosto de caçar; mas conservou grande mania por cães, a pontos de dormirem com elle no mesmo aposento e até na cama. Cultivou as lettras e a philosophia, foi protector e amigo dos sabios do seu tempo, chamando á sua côrte os que então eram afamados na Europa: bem conhecida é a sua amisade com Voltaire, em que depois houve reciprocos desgostos. Foi muito apaixonado de musica, tocava primorosamente flauta, e com tal excesso que adquiriu o geito de ter a cabeça inclinada para o hombro direito.

O caracter de Frederico é d'um homem verdadeiramente grande, com muitas virtudes e alguns vicios. Considerado exclusivamente como general, sem duvida que é o maior da moderna historia, não pelo numero de batalhas e por suas brilhantes victorias, mas por sua constancia e consummada estrategia. Frederico só é comparavel a Julio Cesar: a sua carreira foi mais dilatada e não menos gloriosa que a do primeiro imperador. Cesar não fez na tactica dos antigos uma revolução similhante á que fez o rei da Prussia no seculo passado, e que todas as nações adoptaram. Igual ao romano na sciencia militar e na do governo, teria a mesma superioridade nas lettras se escrevesse no seu idioma vernaculo e não em lingua estranha, por familiar que ella lhe fosse: os defeitos do estilo assignalam a differença entre os *Commentarios* e a *Historia do meu tempo*. Comtudo, se não tivera sido rei e general, não deixaria de ser conhecido pelos seus escriptos: assaz volumosa é a collecção das suas obras sobre muitos e variados assumptos.

Considerado como rei, Frederico não cede ao melhor, pelo que respeita aos seus estados patrimoniaes; mas estes eram tão limitados, que apenas comprehendiam dois milhões de subditos, e pela maior parte pobres. A grande alma do monarcha o incitava a estende-los; era-lhe pois necessario o conquistar: as conquistas nunca são justas, e para adquiri-las e mante-las é preciso ter poucos escrúpulos: daqui provem o machiavelismo de Frederico e o mero facto de ter escripto contra a doutrina do auctor florentino antes de subir ao throno, e de a ter adoptado depois de coroadado; prova de que a seguira por necessidade. Todavia a desmembração da malfadada Polonia, a violação dos privilegios de Dantzie, são nodos que mancham o brilho da historia de tão celebre principe.

Frederico foi casado com uma princeza digna de ser sua esposa, porem elle não tinha genio para ser bom esposo de nenhuma: morreu sem deixar successão. Toda a sua vida manifestou aversão á conversação e familiaridade com mulheres: os seus generaes e os sabios eram os seus companheiros constantes. Apesar dos seus defeitos ninguem sem manifesta injustiça poderá recusar-lhe a antonomasia de *Grande*.

LISBOA.

7.º

Do LARGO da Graça proseguindo para o sul entrâ-

mos n'uma rua, não mui larga, mas extensíssima, guarnecida por um lado d'algumas casas, e orlada da banda direita pelo muro da cerca do mosteiro de S. Vicente; chamam-lhe *travessa da Veronica*, e mais propriamente a poderiam denominar estrada. Vem desembocar no espaçoso campo de Santa Clara, chão amplo e desigual em frente do Tejo, que já tem neste sitio prodigiosa largura: parallelos ao rio, e com a frontaria para este e para o campo, estão o palacio da Ex.^{ma} casa de Lavradio e um renque de casas bem edificadas e de vista desafogada. Faremos aqui uma observação, que se confirma com igual impressão que experimentámos em outras povoações do reino; isto é, que a parte situada ao nascente é mais sombria e tristonha que a occidental: se isto acontecesse ao pôr do sol não admirava, e facil era a explicação; mas que por dias serenos e limpos, ás horas em que o sol vivifica a natureza, o campo de St.^a Clara e outros sitios desaffrontados, tenham um certo colorido melancolico, que não vemos no occidente, por exemplo em St.^a Isabel, na Lapa, &c., é cousa notavel, devida talvez aos accidentes da luz combinados com os do terreno, se acaso a observação é exacta, e não anda nisto preocupação da nossa parte, o que de todo nos não atrevemos a asseverar, posto que a muitas pessoas tenhamos ouvido a mesma opinião. Na extremidade do campo, opposta ao arco grande e passadiço do mosteiro de S. Vicente para a cerca, estão, contiguas á casa de Lavradio, as ferrarias, e os depositos do trem e petrechos para serviço d'artilharia, pertencentes ao arsenal do exercito; existindo pela banda de baixo do mosteiro o postigo do Arcebispo, do antigo circuito amuralhado da cidade, o qual agora se chama arco pequeno e dá serventia para a Cruz de Santa Helena: tendo sido o local da porta de S. Vicente onde é hoje o arco grande que mencionámos.

Na parte inferior do campo, em local sobranceiro ao Tejo e com frente para o norte e caminho da rua do Paraiso, está situado o amplo Hospital da Marinha, onde primitivamente os jesuitas tiveram o seu collegio de S. Francisco Xavier, que depois foi habitado pelas recolhidas, ora residentes no recolhimento da Mouraria. Em epochas remotas existiu acanhadamente o hospital da armada no Arsenal da Marinha, até ser passado para uma casa particular na rua do Telhal, desta para o incompleto mosteiro do Desterro, e finalmente em 1806 para o edificio que expressamente se construiu no Campo de St.^a Clara, onde se acha estabelecido com as vantagens e commodidades que diremos.

Por um decreto datado em 1797, sendo ainda principe regente o Sr. D. João 6.^o, e ministro da marinha, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, foi ordenada a erecção do hospital. Para se fazer idea da grandeza com que foi construido bastará commemorar que não chegando para a conclusão da obra o emprestimo, que se contrahiou, de cento e cincoenta mil cruzados, e a cuja amortisação e juros se destinou parte dos rendimentos da alfandega de Lisboa, ainda foi preciso elevar o capital do mesmo á quantia de duzentos e quinze mil cruzados. Com effeito o emprego deste dinheiro apparece no edificio, que comprehende 10 espaçosas enfermarias, salas e quartos, que podem commodamente alojar 400 doentes; duas grandes salas, construidas com a intenção de servirem para aulas d'ensino medico, o que não se effectuou; a officina pharmaceutica, que consta de tres vastas casas, onde estão o laboratorio e os dispensatorios das drogas; uma extensa cozinha; a excellente casa dos banhos, e outras muitas para arre-

cadação e deposito dos diversos objectos, proprios de semelhantes estabelecimentos: tem alem disso uma sala magnifica d'entrada, a que chamam *do Principe*, por nella estar collocada a estatua de marmore do fundador, obra d'um artista por nome Fabre. A madeira empregada na construcção foi quasi toda do Brasil, as portas são de vinhatico precioso; em fim nada se ommittiu de quanto respeita á solidez e commodidade, creando-se um hospital não só duradouro, mas tambem sumptuoso.

Merecem especial menção: a casa dos banhos, de fórma circular, comprehendendo bacias cavadas em optimo marmore, que por meio de adequado encaimento recebem a agua e a despejam depois em um deposito ou reservatorio commum e central, tudo de marmore: os armarios e demonstrador do dispensatorio pharmaceutico, feitos de madeiras de custo, primorosamente lavradas: tres grandes terrados no alto do edificio, donde se desfructa a formosa perspectiva de parte da cidade, do rio e margem opposta, ou do sul; ganhando este hospital a vantagem, incalculavel para beneficio de doentes, habituados á vida maritima, de estarem vendo os convalescentes a grande corrente do Tejo, coalhado d'embarcações, o que lhes é de muita consolação e refrigerio, como tem observado os facultativos praticos no tratamento de homens, que se occupam em a navegacão; de fórma que a sociedade philantropica de Londres, creadora do hospital geral para marinheiros de todas as nações, assentou de o estabelecer a bordo d'um navio surto no Tamisa: accresce alem disso em o nosso edificio a outra vantagem, nada menor, de ser bem ventilado e o menos melancolico daquelles sitios. Consideraremos tambem como objectos importantes e de summa utilidade o terreno adjacente ajardinado, e a copiosa mina d'agua, que suppre abundantemente aos diversos misteres do estabelecimento, e até em caso de necessidade póde beber-se sem inconveniente.

O serviço e administração do hospital com as reformas posteriores a 1833 acha-se muito menos complicado que no seu comêço; e sem que nem um nem a outra padegam, nem por fórma alguma se falte ao necessario, estão cerceados muitos abusos, e reduzido o pessoal como tambem as despezas. A principio as auctoridades que o regiam eram o physico-mór, o cirurgião-mór e um inspector, que foi quasi sempre o intendente da marinha, e depois o inspector do arsenal, quando estes dois cargos se reuniram n'um só; alem delles um administrador; tudo sujeito immediatamente á junta da fazenda da marinha. Tinha mais o medico, cirurgiões de visita e ajudantes, capellão e sacristão, almoxarife, escrivão, e 5 escripturarios, fieis, enfermeiro-mór com muitos subalternos seus, cosinheiro e porteiro com ajudantes, e alguns moços. Ainda alem disto o physico-mór tinha seu secretario particular, e no arsenal havia um escrivão especial para a contabilidade das boticas de bordo e do ultramar, serviço que passou a fazer-se no hospital de St.^a Clara com os empregados do mesmo. De tudo hoje somente se conservam os empregos indispensaveis, logrando-se pela boa administração fazer-se o mesmo e melhor serviço.

A actual auctoridade, unica superior ao hospital da marinha como a tudo que respeita á saude da armada, é o *Conselho de Saude Naval*, composto dos medicos e cirurgiões tambem de visita do hospital, e sujeito immediatamente á secretaria d'estado dos negocios da marinha. Não ha outro administrador, nem inspector, não existe enfermeiro mór; ha um só cirurgião ajudante, todo o mais pessoal está limitado ao numero conveniente, e o serviço faz-se com a regularidade e vantagens, que apontámos. Porém afo-

ra estas reformas regulamentares e as reduções bem entendidas na despeza ordinaria, com que se evitaram descaminhos e desperdícios, consideraveis e importantes melhoramentos se tem feito de 1833 para cá no corpo do edificio. Padecia este em varias partes bastante ruina, e não só foi concertado, mas ampliado; póde dizer-se que o laboratorio da botica se arranjou quasi de novo, porque o antigo alem de muito incommodo era falto de diversos arranjos indispensaveis: construíram-se dois excellentes fogões e uma grande caldeira para aquecer a agua de banhos; principalmente o da cosinha é uma peça digna de ver-se, obra do nosso habil artista, o Sr. J. P. Colares: alem da grande commodidade com que se exerce o serviço da cosinha, produziu logo uma economia de metade do combustivel, que d'antes se gastava. Conseguiu-se tambem, mediante um encanamento proprio, levar agua a todos os pavimentos do edificio, poupando-se por este modo o emprego de alguns braços. Finalmente até do quintal se logrou tirar proveito, não só nas hortaliças para consumo do estabelecimento, mas muito principalmente em quantidade de productos pharmacologicos, tendo sido o mais notavel e abundante o oleo de ricino ou carrapateiros, que extrahido dos alli cultivados tem sufficientemente provido a botica do hospital e as da armada e ultramar.

O hospital da marinha está no districto da freguezia de St.^a Engracia, uma das mais populosas da nossa cidade. Foi erecta esta parochia, desannexando-se da de St.^o Estevão, por breve de 30 d'Agosto de 1568 do pontifice Pio 5.^o, alcançado por instancias da infanta D. Maria, ultima filha d'elrei D. Manuel, quando morava no campo de St.^a Clara. A igreja parochial foi construida por uma finta lançada entre os novos freguezes; mas por occasião do desacato de 1630 (*) creando-se a irmandade do desaggravo com o titulo de Escravos do SS.^{mo} Sacramento, e que se compoz de fidalgos principaes, quizeram edificar novo e muito mais sumptuoso templo no mesmo local do antigo, a que deram começo lançando elrei D. Pedro 2.^o a primeira pedra nos alicerces em 1682, mas que nunca se acabou, ficando na linguagem vulgar proverbial as *obras de St.^a Engracia* para designar empresas rasgadamente intentadas, porem nunca concluidas. Por occasião da nova fabrica trasladou-se a freguezia para a ermida de N.^a Sr.^a do Paraiso, sita dentro dos seus limites, a qual tinha sido alli fundada por um cavalleiro da ordem militar de S. Tiago, por nome Diogo Pereira, sob a expressa condição de nunca passar o dominio desta igreja da irmandade da mesma invocação. Tinha sido benta em 9 de Maio de 1562 pelo bispo de Fez, D. Belchior Beliago. Achava-se porem a parochia, sendo tão populosa, mal acomodada nesta pequena ermida, e

(*) O procedimento judicial para se conhecer o auctor deste desacato é realmente extraordinario. Lançaram-se preções para que ninguem sahisse de casa sem nova ordem: e logo os officiaes de justiça começaram a correr todas as casas inquirindo que pessoas tinham sahido em a noite precedente, para que e para onde. Certo que não ha modo mais singular de averiguar a verdade! O resultado foi que prenderam um tal Simão Pires Soliz, homem de baixa esphera, porque tendo andado por fóra nessa noite não dera respostas satisfactorias, e sem mais próvas do que tão vaga suspeita foi o miseravel condemnado a ser queimado vivo depois de cortadas as mãos, e effectivamente executado. Atrocissima sentença, que nesse tempo foi censurada, e os nossos escriptores desapprovam. Diziam para fazerem carga ao presuppuesto réu que era homem conhecido por turbulento, e de mais a mais christão uovo, isto é judeu convertido. Sobre este successo do roubo das sagradas particulas, que foi perpetrado em a noite tempestuosa de 15 de Janeiro de 1630, correm algumas tradições, que reputamos fabulosas.


por isso, tendo-se supprimido as ordens religiosas, se transferiu para o convento de N.^a Sr.^a dos Anjos, dos padres missionarios, *vulgo* barbadinhos italianos, cujo nome tem a calçada onde jaz o convento. Como esta casa religiosa, o mosteiro das Commendadeiras de Santos, e a ermida do Paraiso tiveram extraordinarias mudanças, as mencionaremos neste lugar.

A ermida de N.^a Sr.^a do Paraiso foi primitivamente fundada no districto da freguezia de Santos o velho, na proximidade do convento dos frades mariannos, depois erigiu-se outra, passando para ella a irmandade, no pateo do mosteiro que chamamos St.^o o Novo, extra-muros da cidade; e a final construiu Diogo Pereira a que ora existe na rua do Paraiso.

Os padres capuchinhos italianos entraram em Portugal, com licença d'elrei D. Pedro em 1686, destinados ás missões das nossas conquistas; tiveram a primeira casa naquella ermida do Paraiso a Santos o Novo; depois D. João 5.^o lhes deu em sitio mais eminente fóra dos muros da cerca do antigo, chão para nova casa, fundada em 1739 com o auxilio da avultada esmola de cincoenta mil cruzados, donativo do mesmo monarcha. É onde hoje está a parochial de St.^a Engracia, servindo de quartéis de tropa o restante da casaria.

As religiosas commendadeiras da ordem militar de Santiago vieram da villa da Arruda, onde tinham casa, em tempo de D. Affonso 3.^o, habitar o mosteiro de religiosos ou freires da mesma ordem, que passaram para Alcacer do Sal; mas em 1490 elrei D. João 2.^o lhe fundou o convento, onde ora residem, situado extra-muros junto á segunda ermida do Paraiso, de que acima fallámos. A igreja que ficou desoccupada passou em 1566 a ser parochial; e daqui vem a denominação desta = *Santos o Velho* = subentendendo-se mosteiro, e a da casa das commendadeiras = *Santos o Novo*; = distincção de nomes, que nestes locaes oppostos [pois são quasi nas extremas nascente e poente da cidade] o uso estabeleceu e até os nossos dias tem conservado.

Provas da Sabedoria Divina. — Quem não reconhece as obras maravilhosas de uma Sabedoria Divina na ordem dos céus, na variação regular das estações do anno, no incessante fluxo e refluxo do mar, nas operações do ar e dos outros elementos, na estrutura do corpo humano, na circulação do sangue por arterias tão variegadas, e por veias tão admiravelmente dispostas, no instincto dos animaes, nas suas fórmulas, côres e propensões, no crescimento das plantas e seus effectos, como alimento e como remedio: quem não descobre evidentemente nestas e em outras muitas cousas o poder e a providencia de um Deus creador, deve ser considerado como idiota, e indigno de contar-se no gremio do genero humano.

 *A Direcção avisa aos Srs. assignantes deste Jornal que as actuaes assignaturas findam com o n.º 191, ultimo do proximo Dezembro. Aquelles Srs. residentes em terras das provincias, onde a Sociedade não tem correspondentes, que quizerem continuar, deverão dirigir-se á Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, pelo correio, porte franco. Aos Srs. assignantes de Lisboa, que não avisarem com tempo que não pretendem renovar a assignatura, se continuará a mandar o Jornal ás suas respectivas moradas.*

Assignatura annual..... 1:200 r.^s
D.^a por semestre..... 640